



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9861 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

CARTAS, CORPO E ESCOLA: MEMÓRIAS DE PROFESSORAS

Eliana Ayoub - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**CARTAS, CORPO E ESCOLA: MEMÓRIAS DE PROFESSORAS**

### Resumo

Neste trabalho, apresento uma pesquisa qualitativa que foi realizada em uma universidade pública, a qual envolveu professoras da educação infantil e do ensino fundamental I de uma rede pública de ensino que foram alunas de um curso de Pedagogia que fez parte de uma ação colaborativa com as secretarias de educação dos municípios da região em que essa universidade se situa. A investigação teve como objetivo refletir a respeito do corpo, da gestualidade e da educação física na escola, em diálogo com as narrativas dessas alunas-professoras que foram escritas em cartas sobre suas memórias da educação física escolar, as quais foram tomadas como fontes narrativas do estudo. O texto da pesquisa foi igualmente escrito no gênero carta, tendo em vista a intenção de mesclar forma e conteúdo numa escrita acadêmica. Ao adentrarmos na “cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003), em interlocução com as vozes presentes nessas narrativas, podemos encontrar indícios (GINZBURG, 1989) que nos auxiliam a compreender diferentes sentidos em circulação acerca do corpo, da gestualidade e da educação física, os quais nos permitem problematizar um minucioso processo de educação, que se faz também, e fundamentalmente, no corpo e pelo corpo.

**Palavras-chave:** corpo; escola; formação docente; memórias; carta.

Estimadas(os) educadoras(es), pesquisadoras(es) e leitoras(es),

Venho por meio desta carta, como docente e pesquisadora de uma faculdade de educação de uma universidade pública, compartilhar os estudos que venho desenvolvendo há alguns anos com cartas de alunas e professoras a respeito de memórias do corpo e da gestualidade na escola, especialmente no cenário das aulas de educação física.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que foi realizada em uma universidade pública, envolvendo professoras da educação infantil e do ensino fundamental I de uma rede pública de ensino que foram alunas de um curso de Pedagogia entre 2005 e 2008. Esse curso fez parte de uma ação colaborativa com as secretarias de educação dos municípios da região em que essa universidade se situa, no contexto de uma política de formação docente inicial e continuada. Elas serão chamadas de alunas-professoras. E já adianto que costumo adotar os termos “aluna” e “professora” no feminino quando estou me referindo aos cursos de

Pedagogia, bem como às profissionais que atuam nas primeiras etapas da educação básica, espaços sociais ocupados majoritariamente por mulheres.

A investigação objetivou refletir sobre o corpo, a gestualidade e a educação física na escola, em interlocução com as experiências dessas alunas-professoras narradas em cartas acerca de suas memórias da educação física escolar, que foram tomadas como fontes narrativas do estudo. O texto da pesquisa foi escrito igualmente no gênero carta, com a intenção de mesclar forma e conteúdo numa produção acadêmica ancorada nos princípios da pesquisa narrativa delineada por Jean Clandinin e Michael Connelly (2015). Portanto, escrevo esta missiva para vocês a fim de explicitar algumas reflexões entretecidas no encontro com as experiências das alunas-professoras contadas em 979 cartas que compõem o acervo desta pesquisa (971 de mulheres e oito de homens) e, ainda, no encontro com as(os) diversas(os) interlocutoras(es) que entraram nessa prosa.

Inspirada pelo paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989), mergulhei nas narrativas das alunas-professoras em busca de indícios que me permitissem adentrar na “cadeia da comunicação discursiva”, conforme as ideias de Mikhail Bakhtin (2003), não para aprisionar sentidos nessa cadeia, mas para encontrar vestígios da polissemia presente nessa corrente narrativa.

As dez cartas que compõem o texto da pesquisa foram dirigidas a diferentes interlocutoras(es), como as próprias alunas-professoras, as(os) formadoras(es) de professoras(es), as(os) professoras(es) de educação física, entre outras(os). Em cada uma delas, tematizo assuntos específicos, em diálogo com o próprio processo de realização do estudo, com as memórias das alunas-professoras, com as minhas próprias memórias de aluna e de professora, com as(os) interlocutoras(es) das cartas e com as(os) demais autoras(es).

Passo agora a contar como cheguei à proposta de escrita de cartas sobre as memórias da educação física escolar. Em seguida, apresento quatro excertos das cartas das alunas-professoras (identificados com o ano em que foram escritas, letra referente à turma, número da carta e destinatária[o]) e compartilho algumas reflexões.

Esse trabalho com as cartas se intensificou por ocasião da minha participação no curso de Pedagogia mencionado anteriormente, como coordenadora da equipe pedagógica que atuou numa disciplina que tinha como objetivo refletir a respeito da educação física e de possibilidades de desenvolvimento de diferentes linguagens corporais na escola. Essa equipe pedagógica era composta por cinco professoras (assistentes pedagógicas) e o curso abrangeu aproximadamente 1200 alunas-professoras durante os seus quatro anos de oferecimento.

Em minhas experiências docentes relacionadas aos temas do corpo e da gestualidade na educação, tem me inquietado a forma como, em geral, as estudantes de Pedagogia se referem às aulas de educação física, rememorando momentos de felicidade, prazer e liberdade, mas também de temor, constrangimento e frustração. Diante da minha necessidade de conhecer mais profundamente essa ambiguidade de suas experiências escolares, passei a propor, em minhas aulas, a escrita de cartas sobre suas memórias da educação física escolar. A ideia consiste em propiciar uma escrita mais livre, que possibilite acessar memórias afetivas do vivido na escola. A escolha do gênero carta ocorreu de maneira intuitiva, atravessada pelas minhas próprias experiências pessoais. Essa escolha foi permeada igualmente pela minha prática docente, na qual sempre me apoiei numa perspectiva dialógica, de escuta e de acolhimento em relação às experiências e conhecimentos das(os) alunas(os). Aprendi com Paulo Freire em sua “pedagogia da autonomia” (FREIRE, 1997) que um dos saberes necessários à prática educativa consiste em ouvir nossas(os) estudantes, sejam elas(es) crianças, jovens, adultas(os) ou idosas(os). Aprendi, outrossim, com António Nóvoa (1995) e Ivor Goodson (1995) que ouvir as vozes dos(as) professores(as) e suas histórias de

vida são fundamentais nos processos de formação docente e em nossas pesquisas. Considero que, sobretudo quando suas histórias aludem às suas memórias afetivas do vivido na escola, suas vozes podem se transformar ainda mais em potência reflexiva e criativa em direção à construção de distintas experiências nas relações com o outro que nos constitui, afinal, como nos ensina Lev Vigotski (2000, p. 24), “através dos outros constituímos-nos”.

Desse modo, logo no início do nosso trabalho no referido curso de Pedagogia, propusemos às alunas-professoras a escrita das cartas. A proposta consistia em escrevê-las, circular na turma para leitura e formar pequenos grupos para conversar sobre o que foi narrado por elas. Ao final, fazíamos uma discussão geral dos aspectos mais marcantes, o que amparava significativamente o fio condutor da disciplina, que se apoiava numa abordagem pedagógica da educação física voltada para o estudo de diferentes temas da cultura corporal, tendo em vista a expressão corporal como linguagem (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Ao longo desse percurso investigativo, tem sido intrigante perceber que nossas memórias não estão definitivamente dadas, como se pudéssemos apanhá-las de dentro de um antigo baú; elas fazem parte de um jogo ambíguo. E nesse movimento paradoxal, antevemos a densidade das narrativas das alunas-professoras que, no presente, rememoram o passado, construindo e reconstruindo suas experiências, as quais habitam, simultaneamente, locais acessíveis e inacessíveis da memória, como nos lembra Jeanne Marie Gagnebin (2009). Com essa proposta, penso que acabamos criando uma atmosfera para impulsionar algo que Walter Benjamin (1994) denomina como “faculdade de intercambiar experiências”.

Convido-as(os), portanto, a conhecer uma ínfima porção dessas “experiências intercambiadas”.

*A sra. não imagina onde estou agora, não sei ainda se lembra de mim, aquela garotinha magrela e espoleta que não tinha parada nas suas aulas do pré-primário, que não parava sentada naquelas cadeirinhas azuis de madeira com mesinha também azul que era dividida com quatro crianças cada uma. [...] me lembro como se fosse hoje do controle, da normatização, da sra. me chamando de moleque porque eu adorava jogar bola com os meninos, me colocava de castigo sempre que eu corria na hora do recreio e chegava suada na sala. (2008-C-17; destinatária – professora da época)*

*Recordo de quando eu estava na 1ª série. Nesta época, era um “pecado” se movimentar na sala de aula. Era preciso que todos ficassem quietinhos, sentados, mudos, para aprender a lição. (2005-F-16; destinatária – amiga)*

*A aula começava com uma corrida ao redor da quadra, depois alongamento, em um dia fazíamos ginástica, eu adorava! [...] os meninos jogavam futebol no campo e as meninas brincavam de queimada, às vezes os meninos brincavam de queimada, mas as meninas nunca jogavam futebol. (2007-E-21; destinatária – amiga da época)*

*Sabe [nome da professora], gostaria muito de encontrar você pessoalmente e poder relatar sobre minha vida... Fui criança em suas mãos, hoje sou professora e trabalho com crianças no ensino fundamental. A realidade hoje é diferente... Na escola em que trabalho, os alunos já têm educação física desde a 1.ª série, percebo que nada mudou em relação ao interesse deles em gostar mais da sua disciplina. Você não acredita, mas dia de educação física, ninguém falta! (2006-F-10; destinatária – professora de educação física da época)*

Nesses excertos, podemos encontrar indícios que nos auxiliam a compreender diferentes sentidos em circulação acerca do corpo, da gestualidade e da educação física, os quais nos permitem problematizar um minucioso processo de educação, que se faz também, e

fundamentalmente, no corpo e pelo corpo.

Carmen Lúcia Soares (2014), ao discorrer sobre a “educação do corpo”, afirma que “[...] as manifestações corporais são alcançadas por múltiplos processos educativos e passam a requerer um aprendizado específico e adequado para cada ocasião e contexto” (SOARES, 2014, p. 220). E desperta-nos a pensar “[...] em quão profundos e extensos são esses processos (escolares ou não) [...]”. A *educação* em geral e a *educação do corpo*, de modo bem específico e especializado, incidem diretamente sobre os corpos, transmitindo valores e normas [...]” (SOARES, 2014, p. 220; grifo da autora).

Estamos, portanto, diante de processos educativos complexos e polissêmicos, que se fazem de muitas maneiras em diversos contextos. No âmbito escolar, não se trata de operarmos com uma oposição entre: a conduta “dentro” e “fora” da sala de aula; o aprender e o brincar; o ler/escrever e a aula de educação física; a imobilidade e a possibilidade de movimentar-se; o silêncio e o barulho; a queimada das meninas e o futebol dos meninos etc. Nossos corpos habitam entrelugares, seja na sala de aula ou fora dela, seja na escola ou fora dela, e são atravessados por múltiplos processos educativos que, embora remetam a práticas socioculturais frequentemente naturalizadas, estereotipadas e cristalizadas, podem ser problematizados e (re)criados.

Assim como Tarcísio Mauro Vago (2012), “posiciono-me entre os que pensam a escola como lugar de circulação, de crítica, de (re)interpretação, de (re)produção e de (re)invenção de culturas. Nem poderia ser diferente, pois a escola é envolvida diariamente por seres humanos de diferentes experiências de cultura [...]”. Sob essa ótica, penso que nosso papel como educadoras(es) consiste em nos interrogarmos coletiva e permanentemente a respeito de possibilidades outras de ação na escola, as quais possam também desafiar certas concepções de corpo e gestualidade arraigadas a propostas educacionais restritivas e que se assentam em perspectivas dicotômicas de ser humano.

Bem, minhas(meus) caras(os), vou terminando esta carta por aqui, e espero que possamos espichar nossa prosa durante a ANPEd 2021, que ocorrerá virtualmente nesses tempos tão sombrios de pandemia do novo coronavírus, agravados substancialmente pelo descalabro que estamos sofrendo diante do cenário atual do desgoverno brasileiro.

Entretanto, nesse ano em que estamos comemorando o centenário de nascimento de Paulo Freire, nosso patrono da educação, sigamos esperançosas(os) e entusiasmadas(os) para praticar a “pedagogia da esperança” (FREIRE, 1992) que ele tanto defende, lutando juntas(os) por uma sociedade justa, ética e que possa oferecer às(aos) suas(seus) cidadãs(ãos) uma educação pública de qualidade, democrática, laica e socialmente referenciada, como todos nós já temos repetido inúmeras vezes!

Saudações,

Uma professora e pesquisadora de uma universidade pública brasileira.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas; V. 1). 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em

pesquisa qualitativa. 2. ed. rev. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995. p. 63-78.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995. p. 11-30.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação do corpo. *In*: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3 ed. revisada e ampliada. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2014. p. 219-225.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação física e cultura escolar: notas de reflexão. *In*: VAGO, Tarcísio Mauro. **Educação física na escola**: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2012. p. 57-71.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Lev. S. Vigotski: Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 21, n. 71, p. 21-44. jul. 2000.